



BOA NOTÍCIA: UMA LEITURA JORNALÍSTICA DOS EVANGELHOS BÍBLICOS

Damaris Santos¹

RESUMO: A Bíblia é uma biblioteca muitíssimo rica por meio da qual podemos analisar diversos aspectos discursivos e singulares da linguagem humana. O presente trabalho científico tem por objetivo, em primeira instância, examinar o caráter de verossimilhança, ou seja, o caráter factual de alguns dos evangelhos bíblicos – textos dos livros de Mateus, Marcos, Lucas e João que se caracterizem dentro deste grupo – e oferecer uma análise dos recursos lingüísticos produtores desse perfil. Importa ainda investigar os aspectos especificamente jornalísticos (objetividade, testemunho, descrição de personagens, narrativa factual, informações pitorescas ou inusitadas, desdobramento do fato, registro de observação ou impressão sobre fatos cotidianos, narração de fatos reais em formato de ficção, entre outros) empregados no discurso dos Evangelhos bíblicos sob investigação e discutir a importância e a repercussão desses recursos na realização dos objetivos mais amplos do discurso bíblico: testemunhos de crença e fé, registro de informações para as gerações seguintes, divulgação de profecias e estruturação de comportamento: a Bíblia é um manual para aqueles que buscam instruções e limites para viver.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelhos bíblicos; Jornalismo; Estudos da Linguagem.

1 INTRODUÇÃO

Nenhum livro da história da humanidade já produziu um efeito tão revolucionário, exerceu uma influência tão decisiva no desenvolvimento de todo o mundo ocidental e teve uma difusão tão universal como o 'Livro dos Livros', a Bíblia. Ela está hoje traduzida em 1.120 línguas e dialetos e, após dois mil anos, ainda não dá qualquer sinal de que haja terminado a sua carreira triunfal. (KELLER, 1995, p. 9)

Os avanços tecnológicos venceram tempo e espaço em muitos aspectos, dando lugar à rapidez e à difusão em massa. Possibilitaram a comunicação imediata e direta entre pessoas encurtando distâncias e, no âmbito social, criaram uma rede de informação entre países. Atualmente, a mídia é um espaço fundamental de discussão social, com o papel de permitir o intercâmbio de informações e idéias, logo, tem sido um grande desafio para os diversos instrumentos de comunicação do mundo.

Nem sempre foi assim, na época em que foram escritos os Evangelhos bíblicos não existiam formas variadas de se registrar uma informação. Segundo Faria (2003), os livros da Bíblia foram escritos primeiramente em *cerâmica* (tijolos de argila), *papiro* (tiras de papel feitas a partir da árvore de papiro, originária do Egito) e *pergaminho* (couro de carneiro, curtido e preparado, assim chamado por ter sido usado pela primeira vez na cidade de Pérgamo, 200 a.C.). A Bíblia (do grego *biblíon*, livro) é o conjunto dos livros

¹ Acadêmica do curso de Jornalismo. Departamento de Comunicação Social do Centro Universitário de Maringá – Cesumar – Maringá – PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). damsantos@gmail.com

sagrados dos Antigo e Novo Testamentos (as Sagradas Escrituras) e foi escrita nas línguas hebraico, aramaico e grego, aproximadamente entre 1250 a.C. e 100 d.C., ou seja, ela levou mais de mil anos para ficar pronta. Na versão Protestante é composta de sessenta e seis livros, sete a menos que na versão Católica. Traduções da Bíblia datam de aproximadamente 1600 anos. Martinho Lutero foi o autor de uma das primeiras traduções para o alemão e, apesar de não ser a mais antiga, esta suplantou as anteriores.

A Bíblia foi grafada por muitos homens e nasceu de duas preocupações basilares: oferecer testemunho de fé e não se esquecer o passado, registrando informações para as gerações seguintes – trabalho mediado pelas crônicas, pelas epístolas, pelas cartas... Neste contexto é que se evidencia a característica bíblica do relatar, do expor, do narrar fatos, experiências de si ou/e de outrem, próprios também do escritor jornalista. Daí a busca desta investigação científica por estudar os evangelhos bíblicos sob o veio do padrão e estrutura jornalísticos (objetividade, testemunho, descrição de personagens, narrativa factual, informações pitorescas ou inusitadas, desdobramento do fato, registro de observação ou impressão sobre fatos cotidianos, narração de fatos reais em formato de ficção), de modo a contemplá-los e entendê-los, enquanto registro de fatos e transmissão de conhecimento empírico.

Desde os primórdios do conhecimento humano, não se tem notícia de livro que tenha sido mais vendido ou comentado do que a Bíblia. Ainda que considerada por muitos uma coleção de mitos, lendas e propagandas religiosas, ela é uma reunião de narrativas acerca de pessoas, de acontecimentos e da gênese do mundo. Livro intrincado, mais especificamente biblioteca, que resulta da junção de sessenta e seis livros (na perspectiva de análise adotada nesta pesquisa), a Bíblia é dividida em Velho e Novo Testamentos e possui ainda outras subdivisões. No Novo Testamento encontram-se os Evangelhos, ao qual pertencem os livros: Mateus, Marcos, Lucas e João – estes fundamentam a cristologia, ou seja, relatam os feitos de Jesus e contam a sua história, pontuam a sua biografia.

Etimologicamente, a palavra “evangelho” vem do grego “*evangélion*” e quer dizer “boa notícia”, “boa nova”. Partindo do fato de os Evangelhos serem relatos noticiosos, pretende-se realizar uma leitura investigativa e analítica dos aspectos formais e estruturais jornalísticos presentes nas narrações históricas assentadas na especificação dos Evangelhos bíblicos; mais ainda, se têm em vista avaliar, sem restringir mirada crítica para atributos de fé, os impactos desses evangelhos e das escrituras bíblicas no mundo de hoje, considerando o seu valor documental e informativo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Quanto aos recursos metodológicos, o trabalho foi desenvolvido, a priori, via pesquisa bibliográfica. A pesquisa contemplou, além da leitura dos Evangelhos bíblicos, a análise de trabalhos atualmente publicados e livros relacionados ao tema proposto. Como recurso investigativo e de análise da linguagem bíblica, fez-se necessário utilizar os conceitos de teóricos fundamentais, com intuito de aplicar os conceitos cabíveis e essenciais de Aristóteles sobre retórica. Para o filósofo a retórica (discurso, texto) é “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão” (ARISTÓTELES, 1999, p. 33).

Para apresentar os pressupostos teóricos do conceito de gênero discursivo, a fim de entender a intencionalidade dos discursos sociais, analisamos o ensaio *Os gêneros do discurso*, de Mikhail Bakhtin. Segundo o lingüista russo é a “transmutação” dos gêneros, mais especificamente, a assimilação de um gênero por outro, que gera novos gêneros. A linguagem é compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica. Já Benjamin entende que a linguagem é uma forma de comunicação de conteúdos intelectuais e que “todas as

manifestações da vida intelectual do homem podem ser concebidas como uma espécie de linguagem” (1992, p.189).

Na primeira parte explano o contexto histórico, cultural e lingüístico em que foram produzidos os Evangelhos bíblicos, buscando investigar a importância dos mesmos enquanto registros de acontecimentos verossímeis da época. Na segunda parte serão postos os aspectos conceituais do jornalismo e esclarecido de que modo esses são observados na linguagem bíblica restrita a textos dos quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João). Na terceira e última parte tem-se em vista compreender se há diálogo, como se pretende provar a partir de uma postura analítico-comparativista, entre os relatos das “Sagradas Escrituras” e a notícia do jornalismo pós-moderno.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O texto pode ser definido como um conjunto de frases, orações, períodos e parágrafos organizados em torno de um sentido, ou seja, um emaranhado de idéias coerentes e coesas. Mas um texto não é apenas “abstração lingüística” (estudo das línguas, nas suas relações e nos seus princípios, leis fonéticas, semânticas e morfológicas), o homem escreve por alguma razão que o impele a se comunicar e entender o que escreveu.

O texto jornalístico tem caráter denotativo, porém, não livre da subjetividade, oferece a oportunidade de crescimento para o leitor em seu aprimoramento como indivíduo e, não obstante, pode levar o leitor ao encontro da “Arte da Palavra”, a literatura, aproximando-o do texto literário. Nas palavras de Nilson Lage, o jornalismo não é um gênero literário a mais. “Enquanto na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado” (1999, p.35).

Instrumento de análise política, sociológica ou histórica, o texto jornalístico reforça as normas sociais vigentes de modo a garantir o controle social, por isso deve ser compreendido tanto pelo estudioso experiente quanto pela empregada doméstica que conquistou apenas o curso primário. Assentada no objetivo de se fazer entender ao máximo número de pessoas possível, sem perder o padrão estético gramatical, a linguagem própria do jornalismo une a um só tempo o modelo coloquial e o registro formal. O estilo de linguagem jornalística pode ser aceita em qualquer região ou época, permitindo adaptações e mudanças, regionalismos ou neologismos.

No ensaio *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana* (1992), o filósofo Walter Benjamin parte do pressuposto de que a linguagem não é uma particularidade do homem. Tudo na Criação é linguagem, e a linguagem do homem nada mais é que uma forma privilegiada da linguagem em geral. Benjamin explica que toda linguagem humana comunica essência espiritual, ou seja, tem uma idéia principal que diz respeito à consciência humana. Considerando que “essa essência espiritual se comunica na linguagem e não pela linguagem”, entende-se que tudo que o homem faz leva consigo algo próprio dele. Para Benjamin, “toda a linguagem se comunica a si mesma” antes de comunicar um conteúdo particular. A existência da própria linguagem, ou seja, a mera existência de qualquer meio de exprimir algo, já comunica. Linguagem é “magia”, “comunicação espiritual”, transmissão, compartilhamento e, segundo Benjamin, existem dois modelos de linguagens: a das coisas e a dos nomes. A essência, própria da lingüística das coisas, é que se comunica ao homem. Na linguagem do homem, ele fala por palavras em que comunica o seu próprio ser, denominando todas as outras coisas. Por um lado os seres da natureza e as coisas se comunicam ao homem; por outro, quando o homem nomeia, “a essência espiritual do homem transmite-se a Deus” (BENJAMIN, 1992, p.181). Deus é então testemunha da faculdade humana de nomear, característica que diferencia o homem dos outros seres, sua essência espiritual. Sob esse

prisma, assim considerado, qualquer teoria da linguagem que relacione a palavra humana a funções meramente pragmáticas cai por terra. E liberta a linguagem humana de uma concepção instrumental, ou “concepção burguesa da linguagem”, como quer Benjamin, o homem passa a ser um privilegiado da criação divina, responsável por comunicar as “boas novas” ao mundo. Assim se torna possível explicar o inexplicável, aceitar o inefável, aproximar a fé, a crença, da práxis social.

Se o homem é responsável por levar o “Evangelho”, as “boas notícias” ao mundo, a missão de Jesus, a notícia de Deus encarnada, era fazer o mesmo. Segundo o Evangelho de Mateus, Jesus veio anunciar as “boas novas”, trazer libertação. O evangelista descreve a vida de Jesus e relata toda movimentação política, social e religiosa que se formou ao seu redor. Aborda temas judaicos como a manutenção da Lei e a aceitação do povo gentio (os que não professam da mesma fé em Cristo) pelos judeus sem perder de vista a ordem social imposta e procurando equilibrar argumento contrário e favorável. Refere-se mais do que qualquer outro evangelista ao Antigo Testamento, esforça-se por apresentar Jesus como o “Messias prometido” pelos judeus e parece não pretender atingir leitores predominantemente gentios, mas judeus crentes. Estes que, no seu contexto histórico, viam-se em meio a costumes e tradição judaicos, lei mosaica, e diante da suficiência da salvação na pessoa de Jesus.

Já o Evangelho de Marcos concentra-se na atividade de Jesus, especialmente em seus milagres e em sua paixão, e destaca a postura de servo que Jesus assumiu, sugerindo-a como um exemplo aos seus leitores. Assim como o jornalista, o evangelista mostra-se um “líder de opinião” capaz de promover a interação social, faz o papel de agente comunicador que usa de instrumentos eficazes para reunificar o pensamento e harmonizar a atividade de grupos diversos; em outras palavras, ele tenta estabilizar a sociedade.

Mais que outros evangelistas, Marcos apresenta os discípulos como pessoas comuns, falíveis, passíveis de fracasso. Identifica-os como duros de coração e faltos de discernimento, sugerindo não serem pessoas especiais por si próprias, que a suficiência do sucesso no exercício de seus ministérios provinha da capacitação do próprio Senhor. Registra a figura notável de forte identificação ou empatia que atende à ânsia de ouvir a várias facções, todas em nome do mesmo povo. Marcos concede proximidade e atualidade ao texto bíblico, centrando informações e aproximando cenários distantes.

Já o médico Lucas, em seu Evangelho, destaca as figuras que viviam à margem da sociedade e o interesse de Jesus por elas esforçando-se em mostrar que a salvação através dele é universal, para todos. Mateus, de outra feita, concentra-se em Jesus e no reino; e Lucas se concentra em Jesus e o povo comum (GUNDRY, 1978, p.104). Semelhantemente ao que faz o jornalismo comunitário, Lucas trata das feridas da sociedade, revelando a segregação social em que se encontra a sociedade à época, denunciando e ao mesmo tempo mostrando como o “líder” cuida dessas pessoas.

Por último e não menos importante, João, em seu Evangelho, identifica o Messias como sendo Jesus de Nazaré e enfatiza seu caráter divino. Embora não mencione diretamente a estrutura eclesial em si, fornece vários elementos que lhe são inerentes: testemunho, sofrimento, frutificação, oração, amor, unidade. O evangelista dá especial ênfase à oração e ao Espírito Santo, retomado no Evangelho de João, que mais claramente expressa a doutrina da Trindade (Deus Pai - criador, Deus Filho - homem e o Espírito Santo - consolador) dentro do Novo Testamento.

O jornalista estimula o homem a desempenhar sua função social, ou seja, a manter o sistema de organização da sociedade. O “Deus que se fez homem e habitou entre nós”, registrou-se, trabalhou como carpinteiro, teve fome, frio, foi humilde e foi servo, mas representava algo muito maior: uma revolução nas organizações sociais pelo viés da fé, esta que, em seus desdobramentos, gera mudanças de valores e comportamentos pelo bem coletivo. A narração da vida do “Deus Homem”, com sua riqueza de imagens e

linguagem, mais que descrever sua existência e discutir a repercussão dela, cultiva o ensejo de estimular os interlocutores a seguirem seus exemplos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que para se compreender o presente é preciso traduzir o passado. Captar as razões e sentimentos de uma temporalidade já escoada é ter em mente a diversidade cultural do passado, com suas idiossincrasias, códigos e valores. O passado ajuda a melhor compreender o presente, a sua complexidade, e permite entrar no futuro com mais segurança, certezas, firmeza. Não há, pois, como desconsiderar que as respostas definidas sobre um tempo outro são sempre provisórias, cumulativas, parciais, datadas, prováveis, e que o construtor social busca tornar sempre, o mais possível, verossímil e convincente.

Aproximados por várias características semelhantes, o discurso do texto bíblico (aqui restrito ao dos Evangelhos) e o discurso jornalístico guardam a mesma essência: são redigidos por construtores sociais que comungam fatos que temporalizam e transformam a sociedade. Descrever a sociedade é papel do historiador, porém, analisar os fatos dentro da sociedade e da História cabe também ao jornalista. Tanto Mateus, Marcos, Lucas e João fizeram em seu tempo quanto os jornalistas fazem hoje: todos são pesquisadores e testemunhas oculares das estruturas político-econômico-culturais que edificam e fundamentam a coletividade em que aqueles viveram e esses vivem.

A História tem mostrado que nem sempre aqueles que relatam os fatos de seu tempo dedicaram-se a essa vocação sempre. Profissão regulamentada na modernidade, o jornalismo conquistou status de ciência com o apoio prévio de um número infindável de retratistas entusiastas, escritores capazes de traduzir em linguagem tudo o que outros se limitavam a observar. A Bíblia é fruto desse entusiasmo e vocação. Os apóstolos tinham outras atividades de subsistência; Lucas, por exemplo, é chamado de “médico amado” por Paulo em Colossenses (4.14) e, de fato, o autor demonstra interesse e conhecimento da medicina em várias passagens de seu Evangelho, confirmando a habilidade no ofício. Os evangelistas foram convidados a registrar a passagem de Jesus de Nazaré pela Terra. Assim também muitos jornalistas importantes do país sentiram em si a força do chamamento para se dedicarem a registrar e discutir experiências sociais para as gerações futuras. Sérgio Jockymann, para citar um, é jornalista contemporâneo, dramaturgo, romancista e poeta, exerce sua profissão nos jornais do Grupo Editoriais Sinos.

Sob certo prisma, a Bíblia é também um “jornal” de seu tempo, além de conter a essencialidade da ciência e da arte. Os Evangelhos, assim como os textos jornalísticos, sustentam, alimentam e difundem as regras e leis que definem o padrão moral da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BENJAMIN, W. **Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

GIOVANNINI, G. **Evolução da comunicação: do sílex ao silício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

KELLER, W. **E a Bíblia tinha razão**. 8ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

LAGE, N. **A reportagem - Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1999.

LEITE, M. V. **A estrutura da linguagem em Walter Benjamin**. In: Revista *Ética & Filosofia Política* v. 6, n. 1, mar. 2003. Disponível em: < <http://www.eticaefilosofia.ufjf.br/6-MarcosV.htm>>. Acesso em: 15 Abr. 2006.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**, Brasília: UnB, 1996.

MARTINEZ, J. F.; FALÇÃO, M. **E a Bíblia tinha razão**. Disponível em: < <http://www.cacp.org.br/superinteressante.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2006.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Concordância Exaustiva da Bíblia sagrada. Nova Versão Internacional**. CD-rom. Editora Vida. 2002.